



24° ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória

**MEMÓRIA, TESTEMUNHO E ARQUIVOS PESSOAIS:
ESTUDO DE CASOS EM PERSPECTIVA DE GÊNERO INTERSECCIONAL**

***MEMORY, TESTIMONY, AND PERSONAL ARCHIVES:
CASE STUDIES FROM AN INTERSECTIONAL GENDER PERSPECTIVE***

Clarissa Pepe Ferreira – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Eliezer Pires da Silva – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A produção de conhecimento precisa ser problematizada a partir de uma perspectiva de gênero interseccional, para que se possa caminhar no sentido da superação de violências epistêmicas e do cotidiano. Discute-se, neste trabalho, a relevância de testemunhos e arquivos pessoais na produção de novas epistemologias em memória social, a fim de avançar nessa direção. Sendo assim, analisam-se obras escritas não-ficcionais, de publicação recente, produzidas pelas autoras Grada Kilomba, Jota Mombaça e Amara Moira. Para tal, trechos das obras examinadas serão submetidos ao crivo teórico-metodológico da análise do discurso de vertente francesa. Assim mesmo, as dinâmicas sociais e históricas que moldam a memória, a identidade e o conhecimento serão pensadas com base nos conceitos foucaultianos de 'alheamento' e 'testemunho de si'. Dois movimentos serão feitos com base na obra das autoras: refletir sobre testemunhos e arquivos pessoais de experiências de gênero interseccional como 'cuidado de si'; aplicar a ADF para examinar a relevância social e política de arquivar a própria vida. A finalidade é aprofundar na análise sobre se, e em que medida, tais obras podem ser consideradas arquivos pessoais de conhecimento situado e interseccional, no marco de uma proposta de virada testemunhal e decolonial do saber histórico.

Palavras-chave: memória; testemunho; arquivos pessoais; cuidado de si; gênero interseccional.

Abstract: The production of knowledge must be problematized from an intersectional gender to progress towards overcoming epistemic and everyday violence. This paper discusses the relevance of personal testimonies and archives in producing new epistemologies in social memory, as a step in this direction. It analyzes recent non-fictional works by Grada Kilomba, Jota Mombaça, and Amara Moira. Excerpts from these works will be examined through the theoretical-methodological lens of French discourse analysis. Social and historical dynamics shaping memory, identity, and knowledge will also be considered based on Foucault's concepts of 'alienation/dispossession' and 'self-testimony.' Two approaches will be taken with the authors' works: reflecting on personal testimonies and archives of intersectional gender experiences as 'care of the self,' and applying French Discourse Analysis (FDA) to examine the social and political significance of archiving one's life. The aim is to delve into the question

of whether, and to what extent, these works can be considered personal archives of situated and intersectional knowledge, as part of a proposed testimonial and decolonial turn in historical knowledge.

Keywords: memory; testimony; personal archives; take care of yourself; intersectional gender.

1 INTRODUÇÃO

Considera-se que a produção de conhecimento precisa ser problematizada a partir de uma perspectiva de gênero interseccional, com vistas a dar passos no sentido da superação de violências epistêmicas e do cotidiano. Neste diapasão, o presente trabalho discute a relevância de testemunhos e arquivos pessoais na produção de novas epistemologias em memória social, para que se possa avançar na referida direção. Para tal, analisa três casos de obras escritas não-ficcionais produzidas pelas autoras Grada Kilomba, Jota Mombaça e Amara Moira. As obras em são, respectivamente, as seguintes: *Memórias da Plantação. Episódios de racismo cotidiano* (Ed. Cobogó, 2019); *Não vão nos matar agora* (Ed. Cobogó, 2021); *E se eu fosse puta* (Ed. N-1, 2023). As três obras foram publicadas em português, mas somente as duas últimas foram produzidas originalmente neste idioma. Foram escolhidas porque todas contêm testemunhos e apropriam-se dos mesmos para desenvolver suas reflexões.

As obras serão pensadas na qualidade de arquivos pessoais. Não são exemplares únicos, mas sim as primeiras obras escritas pelas autoras. Nelas, são compartilhadas memórias de experiências vividas pelas autoras na condição de mulheres racializadas, transsexuais, e exercendo a prostituição. Sem o compartilhamento dessas memórias, que fazem parte da história do tempo presente (ou deveria!), e das reflexões produzidas a partir das mesmas, seria pouco provável o ingresso adequado em tais mundos, já que se trata de universos banidos ou menosprezados pela historiografia oficial. Sem que as autoras abrissem as portas de suas memórias pessoais, que são também coletivas porque partilhadas em alguma medida por grupos de pessoas inscritas em condições sócio-históricas semelhantes, seria improvável que o “grande público”, acadêmico ou não, pudesse entender de maneira apropriada como se vive e se pensa o mundo nas margens das formas hegemônicas de existência.

Assim, para afinar o entendimento das obras e das reflexões por elas propostas, é necessário saber um pouco sobre as autoras. Grada Kilomba é uma mulher cis negra, portuguesa, filha de emigrantes moçambicanos, emigrante vivendo na Alemanha. Jota Mombaça é uma mulher trans parda (“uma bicha não binária”), gorda, brasileira, nordestina,

emigrante vivendo em Portugal. Amara Moira é uma mulher trans brasileira, travesti, prostituta. Kilomba é acadêmica e artista transdisciplinar. Mombaça é escritora e artista de performance queer, que problematiza corpos não normativos, desobedientes, racializados e anticoloniais. Moira é uma escritora que escreve em jatobá, a linguagem travesti. É ativista social pela regularização da prostituição, e se doutorou em Teoria e Crítica Literária exercendo o trabalho sexual, tendo sido a primeira mulher trans a se formar na UNICAMP usando seu nome social.

Serão aplicados os conceitos de memória social, testemunhos, arquivos pessoais e análise do discurso de vertente francesa (ADF) ao material produzido pelas autoras. Cruzar esses conceitos permite uma análise abrangente e aprofundada das dinâmicas sociais e históricas que moldam a memória, a identidade e o conhecimento, oferecendo elementos valiosos para a pesquisa em áreas de gênero e racialização, gênero em perspectiva interseccional e produção de conhecimento a partir de uma perspectiva de gênero interseccional com projeção de superação de violências epistêmicas e do cotidiano.

Duas obras de Michel Foucault foram escolhidas para pavimentar e iluminar o percurso analítico: “La gran extranjera: para pensar la literatura” e “Dizer a verdade sobre si”. Assim, será analisada a importância e a relevância da presença – inclusive a centralidade – do ‘alheamento’ e do ‘testemunho de si’ na produção das autoras. Tal presença apontaria, pois, para um encontro com um ser outro que é atravessado por um processo de negação e se edifica como sujeito a partir disso, em um movimento de experimentação de um si mesmo como obra, uma estética da existência na forma de escrita de si enquanto cuidado de si.

Este trabalho estabelece dois movimentos com base na obra das autoras mencionadas: por um lado, busca refletir sobre testemunhos e arquivos pessoais de experiências de gênero interseccional como ‘cuidado de si’; por outro, aplica a ADF para examinar a relevância social e política de arquivar a própria vida. Assim, na metodologia serão empregados alguns conceitos fundamentais da ADF, tais como: relação entre sujeito, linguagem e sociedade; corte epistemológico fundamental; processos de significação; efeito de sentidos. A finalidade é aprofundar na análise sobre se, e em que medida, as obras das autoras podem ser consideradas arquivos pessoais de conhecimento situado (Haraway, 1988) e interseccional (Crenshaw, 2002), no marco da proposta de Seligmann (2022) de virada testemunhal e decolonial do saber histórico.

2 CONCEITOS

A interseção entre memória social, testemunhos, arquivos pessoais e análise do discurso de vertente francesa oferece uma abordagem rica e multidimensional para a compreensão da construção da identidade e da subjetividade social. Os testemunhos e arquivos pessoais juntos formam uma base empírica rica para a memória social. Ao analisar esses materiais, podemos entender como as memórias individuais contribuem para as narrativas coletivas e como essas narrativas são preservadas e transmitidas ao longo do tempo.

Arquivos pessoais contribuem para a preservação da memória social ao documentar experiências individuais que, de outra forma, poderiam ser esquecidas ou marginalizadas. Esses arquivos oferecem material valioso para pesquisas sobre a memória social, permitindo aos pesquisadores traçar a evolução de narrativas coletivas e compreender como as memórias individuais interagem com a memória coletiva.

A análise dos documentos contidos em arquivos pessoais, através da lente da análise do discurso de vertente francesa, permite examinar como os indivíduos representam suas vidas e como essas representações são influenciadas por discursos sociais mais amplos. Esta abordagem pode revelar as tensões entre as narrativas pessoais e os discursos hegemônicos, destacando como os indivíduos negociam suas identidades em contextos de poder.

Aplicar a análise do discurso aos testemunhos e arquivos pessoais permite uma investigação crítica de como as identidades são construídas e representadas. Esta abordagem pode identificar as estratégias discursivas usadas pelos indivíduos para afirmar suas experiências e resistir às narrativas dominantes, proporcionando uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e resistência na construção da memória e identidade.

2.1 Memória Social

A memória social refere-se ao conjunto de memórias compartilhadas por um grupo social ou sociedade, que são construídas e mantidas através de práticas culturais, narrativas e rituais coletivos. Ela envolve a seleção, interpretação e preservação de eventos passados, influenciando a identidade coletiva e a coesão social. A memória social é dinâmica e está em constante processo de renegociação e reinterpretção. A memória social é um espaço de disputas.

Gondar *et al.* (2005) esclarecem que a transdisciplinaridade do campo da memória social resulta de uma fecundação entre disciplinas, na medida em que as perguntas produzidas no interior de cada uma delas ultrapassam suas próprias fronteiras, fazendo emergir um campo novo de problemas que até então não se achava contemplado e nem poderia ser resolvido no interior de nenhuma delas. Sobre a polissemia da definição de memória social, os autores asseveram que os conceitos emergem de indagações contingentes, formuladas sobre modos de sociabilidade nascentes e os efeitos que ocasionam sobre as subjetividades.

Quando as contingências sociais se transformam, outros problemas são descobertos. É preciso, então, fabricar novos conceitos para respondê-los. Nem por isso os conceitos existentes perdem o seu vigor; eles permanecem pertinentes em relação aos problemas anteriores, e que se mantêm como tal. Mas eles não são suficientes para responder aos novos. [...] Mesmo que já disponhamos de considerável bibliografia sobre memória social, os conceitos que ela apresenta emergiram, na maior parte das vezes, de perguntas diferentes daquelas que hoje formulamos. (Gondar *et al.*, 2005, p. 8-9).

Seligmann (2022) sustenta que “a memória se transformou em um dos últimos bastiões da ética” (p. 16). O autor defende a necessidade urgente e incontornável de “uma virada mnemônica ética nas encenações de nossa memória” (p. 16), uma vez que “nossa paisagem mnemônica [é] ainda dominada pela colonialidade” (p. 17).

Em vez de comemorarmos os “grandes vultos da nação”, bandeirantes que estupravam, escravizavam e matavam indígenas, por exemplo, devemos comemorar os próprios indígenas (que vivem neste continente há milhares de anos sem nunca ter destruído nada de sua natureza). Devemos comemorar os afrodescendentes que lutaram e lutam pela sua emancipação, assim como os que participam de movimentos sociais do campo e das cidades (Seligmann, 2022, p. 16).

Seligmann (2022) afirma que memória e esquecimento estão profundamente conectados à construção da autoimagem de grupos, culturas e nações. Ele explica que a memória é composta por múltiplas camadas que se interconectam: uma delas possui um caráter cumulativo, armazenando fatos, enquanto outra é responsável por unir os grupos. A memória tem o papel de criar vínculos, permitindo que, ao compartilhar experiências, os grupos construam um bem comum que fortalece suas conexões e identidade coletiva. As complexas articulações entre linguagem e identidade encontram um elo na noção de representação. Vê-se em Ferreira e Orrico (2002) que “as palavras não são só nossas. Elas

significam pela história e pela língua. [...] Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação)”.

2.2 Análise do discurso de vertente francesa

A análise do discurso de vertente francesa (ADF), enquanto arcabouço teórico-metodológico de estudo, concentra-se em como o discurso (texto, fala, imagens) constrói significados e representa a realidade social. Desenvolvida por teóricos como Michel Foucault, esta abordagem examina as estruturas de poder, as relações sociais e as práticas discursivas que moldam a produção de conhecimento e a formação de identidades. Ela analisa como os discursos são usados para exercer controle e como eles refletem e reforçam desigualdades sociais.

Na esteira de Michel Pêcheux, a ADF estabelece a noção de discurso como um campo de significação marcado pela ideologia e pela produção de efeitos de sentido. Determina que o discurso não é neutro, mas atravessado por formações discursivas que refletem a memória e o interdiscurso, ou seja, o conjunto de discursos anteriores que modelam e orientam a produção de novos significados. Nesse sentido, o sujeito discursivo constitui-se de maneira heterogênea e polifônica, não sendo uma entidade fixa, mas sim o resultado de múltiplas vozes e identidades que se cruzam no discurso.

A formação discursiva, por sua vez, é o lugar onde tais sujeitos e suas posições se inscrevem, articulando linguagem e história de modo inseparável. Dessa forma, a ADF se caracteriza por um entrecruzamento de diferentes campos disciplinares, como a linguística, a história e a sociologia, permitindo a compreensão de como o discurso é atravessado por forças sociais e históricas. Ao enfatizar a relação entre ideologia e discurso, a análise revela como as formações discursivas produzem e reproduzem sentidos que reforçam ou subvertem relações de poder.

2.3 Arquivos pessoais

Os arquivos pessoais são coleções de documentos, fotos, cartas, diários e outros materiais que pertencem a um indivíduo e que documentam aspectos de sua vida pessoal e profissional. Esses arquivos são fontes ricas para pesquisas, fornecendo elementos detalhados

sobre experiências individuais, práticas culturais e contextos históricos. Eles ajudam a preservar a memória pessoal e podem ser utilizados para entender melhor a história social e cultural.

O interesse pelo tema dos arquivos pessoais é crescente e tem atraído uma vasta gama de profissionais oriundos das mais diversas áreas das ciências humanas e sociais, nos últimos quinze anos. Tal interesse por este artefato cultural está voltado para a discussão de pesquisas feitas em arquivos pessoais e, em maior medida, para a reflexão sobre esses arquivos. Em definitiva, há uma valorização das narrativas que estão sendo produzidas em torno e por meio desses acervos documentais. (Travancas, Rouchou; Heymann, 2013).

Coelho (2013), ao apresentar a história da construção de um arquivo pessoal de reflexão teórica escrita pelo artista plástico Hélio Oiticica e o desaparecimento desse arquivo após um incêndio, problematizou os impactos de um arquivo pessoal nos estudos sobre a obra. Nesse sentido, pensou o arquivo pessoal como laboratório criativo do artista e como espaço de poder arcôntico, seguindo, neste último ponto, a Jacques Derrida. O poder arcôntico significa o privilégio da autoridade que é exercida por meio do poder da posse de um arquivo e sua interpretação (Silva, 2023). Coelho (2013) refletiu sobre o autoarquivamento de Oiticica, o “arquivo de si próprio” que ele levou a cabo em vida. Concluiu que o registro permanente do presente pode tornar-se o próprio espaço da experiência, e, no caso de Oiticica, um dos motores de sua prática artística.

Em sentido diverso, Artières (2012) indaga a comunidade científica sobre a correspondência de formas de arquivamento específicas à invenção e ao desenvolvimento da biopolítica foucaultiana. Mais do que isso: o autor lança a pergunta sobre a existência de arquivos do biopoder e qual seria sua natureza. Vai, então, deparar-se com o exame de três peças de arquivos pessoais: uma lista-quadro de práticas sexuais de um “invertido”, um fragmento de pele humana tatuada de um condenado militar e uma carta manuscrita de uma prostituta. Nenhum deles é nem um pouco estrangeiro à emergência da biopolítica descrita por Foucault. Um verdadeiro tríptico, pois, de arquivos do biopoder do fim de século.

No ensaio “Arquivar a própria vida” publicado por Philippe Artières em 1988, o autor menciona a intenção autobiográfica como uma das três forças que motivam as pessoas a arquivarem a própria vida (Vieira, 2023). É por meio dela que as pessoas se arquivam a fim de narrar a própria vida e legar à posteridade uma imagem documental de si mesmas (Vieira, 2023). Arquivar a própria vida significa querer testemunhar (Vieira, 2023). Há, para o autor,

possíveis semelhanças entre o ato de arquivar e o ato artístico, a partir das quais ele propõe as seguintes indagações: poderia o arquivo ser pensado como uma obra de arte?; e, considerada a vida uma obra de arte, seria o arquivo a materialidade dessa trajetória? (Vieira, 2023). As perguntas do autor, inspiradas na hermenêutica do sujeito de Michel Foucault, colocam em tensão alguns pressupostos do pensamento ocidental dos últimos séculos sobre a divisão entre arte e ciência, sujeito e objeto, subjetividade e objetividade, intencionalidade e funcionalidade (Vieira, 2023).

2.4 Testemunho

Os testemunhos são relatos pessoais de experiências vividas, frequentemente utilizados como fontes primárias em pesquisas históricas, sociais e psicológicas. Eles podem ser orais ou escritos e oferecem perspectivas subjetivas sobre eventos e condições específicas. Os testemunhos são valiosos para a compreensão de como os indivíduos vivenciam e interpretam suas realidades e para a construção de narrativas históricas e sociais mais completas e inclusivas.

Com base em McKemmish (2013) é possível entender o gesto de registrar como uma espécie de testemunho: “O artigo que escrevi em 1996 tinha como objetivo sugerir questões abrangentes e fundamentais sobre a natureza dos registros como “provas de mim”, e se referia à forma como nossas vidas são individual e coletivamente testemunhadas e memorializadas” (p. 23). A autora usa a expressão “provas de mim” como sinônimo de arquivos pessoais, o qual, em sua acepção mais ampla, reuniria todas as formas que as narrativas podem assumir.

De acordo com McKemmish (2013), os registros documentam nossas interações com os outros, comprovando nossa existência e experiências. Assim como os antigos egípcios, buscamos preservar nossas memórias para garantir imortalidade simbólica. Ao longo da história, indivíduos e sociedades têm organizado suas memórias de forma seletiva, seja por meio de registros gráficos ou textuais, ou por performances e rituais, com certas pessoas assumindo a responsabilidade de manter e repassar essas histórias.

McKemmish (2013) adverte que, na ciência e na prática arquivística, tem-se trabalhado tradicionalmente com uma visão estreita das formas que os arquivos e os registros podem

adquirir. Isso exclui, muitas vezes, as formas orais de registro, a literatura, a dança, a paisagem etc., e estabelece, outrossim, limites artificiais entre o arquivo público e o arquivo pessoal.

Seligmann (2022) aposta pela virada testemunhal e decolonial do saber histórico, dedicando uma obra completa ao tema. Esta virada contribui de forma dupla, ao evidenciar a natureza filosófica, ética e política das questões ligadas à memória, testemunho e trauma, além de estabelecer um compromisso crítico contínuo com a resistência à violência autoritária e colonial. Seligmann expõe a história de extermínios que atravessa o "século das catástrofes", refletindo sobre a injustiça e manifestando a intenção de intervir em desafios urgentes. O autor traça as conexões entre os extermínios, a lógica tanatopolítica e a violência enraizada no processo de modernização, convocando à reflexão e à ação crítica.

2.5 Interseccionalidade e decolonialidade

A interseccionalidade – a partir de Crenshaw (2002), autora do conceito – pode ser entendida como um problema teórico-metodológico relacionado a corpos que acumulam exclusões múltiplas, ou, dito de outra forma, de múltiplas opressões concentradas em determinados corpos. Tal concentração de múltiplas exclusões e opressões precisam ser consideradas y analisadas precisamente da forma como se apresentam na cena social: todas ao mesmo tempo. Isso significa que a forma tradicional de entendê-las e examiná-las – isto é, cada uma de maneira isolada e independente – deve ser superada, posto que não dá conta de representar o dinamismo, a totalidade e a radicalidade de um fenômeno vertical de sobreposição de exclusões dentro da própria exclusão social em si.

A decolonialidade, de acordo com Crippa (2021), consiste em um movimento de resistência teórico, prático, político e epistemológico à lógica da modernidade/colonialidades. As lutas antirracistas e anticoloniais que formam o pensamento pós-colonial e decolonial aguçam o olhar crítico. Promovem o questionamento do núcleo constitutivo do “pacto cultural” europeu da época das luzes, que estruturou a autoimagem das sociedades ocidentais hegemônicas ao longo dos últimos séculos. Perseguem a libertação e superação dos limites do pensamento colonial imperialista do século XIX, transformados em fórmulas ideológicas de “exportação” (aparelho teórico e científico de sustentação de uma cultura evolucionista eurocêntrica).

2.6 Conhecimento(s) situado(s)

Os conhecimentos situados, cunhados por Haraway (1988), referem-se a perspectivas que são necessariamente parciais e estão sempre marcadas pelas posicionalidades e localizações do sujeito. No campo das epistemologias feministas, tais noções têm ganhado protagonismo, especialmente ao criticar e desconstruir o caráter androcêntrico e genderizado da ciência. Essas epistemologias fornecem uma alternativa à oposição entre posições universalistas e relativistas, deslocando o conceito de objetividade para reconhecer o caráter contextual e localizado de todo conhecimento. Através da exploração das relações entre diferentes localizações, são estabelecidas redes e conexões que incentivam práticas de diálogo, sempre levando em consideração as dimensões éticas e políticas envolvidas. As críticas às dicotomias no conhecimento, como a associação da racionalidade à masculinidade e da irracionalidade ao feminino, desafiam a forma tradicional de pensar. Nesse sentido, os ideais de objetividade e neutralidade, bem como o conhecimento universal, são questionados, salientando-se a necessidade de reflexividade, onde o/a/x investigador/a/x assume sua própria posicionalidade e valoriza a experiência pessoal como parte integrante do processo de conhecimento.

Para Haraway (1988), um "ser" contraditório e inacabado é aquele que detém a capacidade de questionar criticamente e de forma responsável, construindo redes e conexões parciais entre diferentes situações e posições. A partir desse posicionamento crítico, torna-se possível alcançar uma objetividade que reconhece as tensões e as continuidades e descontinuidades entre as diferentes localizações, sem tratá-las como fixas ou isoladas. Essa postura crítica é orientada para a ressonância, em oposição à dicotomia, permitindo a construção de redes entre as diferentes localizações. A partir dessa abordagem, Haraway defende a criação de conhecimentos que não só desconstruam as relações de poder existentes, mas também promovam visibilidade para grupos marginalizados. Nesse processo, é essencial considerar as dimensões de classe, etnicidade, gênero e sexualidade. O "sujeito dominante" não é monolítico, nem essencialista ou a-histórico, mas sim construído social e culturalmente, sendo uma posição relacional e processual. Assim, a objetividade, longe de ser universal e neutra, deve ser entendida como situada e contextual, entrelaçada com as experiências e localizações específicas dos/as/xs sujeitos/as/xs.

3 REFERENCIAIS DE ANÁLISE FOUCAULTIANOS

3.1 Literatura, a grande estrangeira

Na obra *“La gran extrajera”* de Michel Foucault (2015), a literatura é pensada como essa “grande estrangeira” a partir de três reflexões feitas pelo autor. A primeira delas está apoiada na sustentação foucaultiana de que o que sabemos sobre a história da loucura na época clássica, desde a criação do hospital geral até o surgimento do asilo psiquiátrico, ou mesmo de Descartes até Kant, é uma história da literatura, ao menos em certa medida. Porque, segundo Foucault, a história da razão não pode prescindir do ‘alheamento da literatura’ (*‘ajenidad de la literatura’*). A literatura coloca em cena o caráter trágico da loucura, frente ao qual a cultura tentou manter distância. Assim, a loucura compartilha com a literatura um ‘alheamento’ em relação à razão (Antonelli, 2016).

A segunda, que aprofunda um pouco mais na ideia foucaultiana de ‘alheamento da literatura’, tem como tessitura que a possibilidade de falar e a possibilidade de estar louco – portanto, ser outro, estrangeiro de si – são, em um aspecto fundamental, contemporâneas, gêmeas. Foucault mantém com a literatura uma relação complexa, crítica e estratégica. Ele pensa a ordem do mundo e suas representações, mas também o seu ‘fora’, o externo, seu excesso, o que ultrapassa as bordas. Assim, a literatura encarna a exceção ao modo usual de organizar os discursos sobre o mundo, e o faz na medida em que engendra uma experiência de desordem, uma matriz de mudança ou de metamorfose (Antonelli, 2016).

A terceira, que versa sobre literatura e linguagem, explora outro aspecto desse ‘alheamento da literatura’: o ‘alheamento’ da linguagem e da obra. Nesse caso, Foucault sustenta que a literatura não é nem a linguagem nem a obra, nem a linguagem transformada em obra, nem mesmo uma ocasião para a obra vir a fabricar uma linguagem. A literatura, nesse caso, é a profanação da linguagem e da obra, na forma de transgressão (de Sade), ou de reiteração (como em Chateaubriand) ou ainda de simulacro (conforme Proust). A pergunta foucaultiana sobre o que é a literatura aponta na direção de que a literatura começa quando o espaço da retórica é substituído pelo volume do livro, de tal forma que, antes, o livro não era mais que uma oportunidade material de transmitir a linguagem, e, agora, a literatura encontra e funda seu ser no livro, não, porém, sem agredi-lo (Antonelli, 2016).

3.2 Dizer a verdade sobre si

A obra “Dizer a verdade sobre si”, de Michel Foucault (2022), toca questões tais como subjetividade e modo de subjetivação. Segundo o método arqueológico-genealógico de Foucault, a escrita de si consistiria em uma tecnologia de si, da qual pode se valer o ser humano que se reconhece desejante a partir dos jogos de verdade com os quais se depara na modernidade (Bastos, 2017).

Na obra em comento, Foucault afirma que é preciso dizer a verdade sobre si. E dela desprende-se o entendimento de que esse ‘dizer a verdade sobre si’ passa necessariamente pelo cuidado de si, cujo sentido pode ser pensado como um contínuo processo de ‘dar conta de si mesmo’. Mas vai além. As práticas de si – enquanto o jogo entre o conhecer e o cuidar – manifestam-se na forma da escrita de si, apresentando uma resolução estética e ética como um poder “subjetivador” que a escrita representa (Bastos, 2017).

Foucault (2022) argumenta que, na filosofia moderna, o conhecimento de si tornou-se o princípio fundamental do pensamento, superando o cuidado de si, uma inversão em relação à Antiguidade. Ele sugere que o eu pode ser um constructo histórico ligado às tecnologias sociais, implicando que a política atual deve focar na transformação dessas tecnologias.

Michel Foucault percebeu que, na antiguidade, o público cultivado se relacionava com a escrita de maneira muito diferente da modernidade; eles usavam a escrita como uma ferramenta ética para agir sobre si mesmos. Foucault observou, através de figuras literárias como Raymond Roussel, Blanchot, Kafka e Bataille, entre outros, que a escrita estabelecia uma relação de subjetivação absoluta; seguindo a fórmula de Nietzsche, seria como “tornar-se o que se é”. Esse é o sentido da escrita como cuidado de si: tornar-se o que se é, na medida em que se escreve como quem ‘escreve com sangue’, usando palavras essenciais para conferir ao existir uma forma apropriadamente estética, ou, dito de outra maneira, como uma estética da existência (Bastos, 2017).

4 MÉTODO

A ADF, enquanto método, vai se dedicar a esmiuçar os processos de significação nas práticas discursivas, considerando o entrelaçamento da linguagem com a ideologia. Promove, assim, um corte epistemológico nas ciências da linguagem ao tratar o discurso como objeto de análise, observando como os sujeitos históricos se constituem por meio do assujeitamento,

ou seja, pela internalização das formações ideológicas presentes nas condições de produção. No contexto do capitalismo, conforme Courtine (2016), a simbolização do político textualiza-se, revelando como o lugar social e o imaginário interagem na construção de sentidos.

Nesse sentido, a produção de significados não é neutra, mas depende da posição do sujeito, das formações discursivas e da conjuntura sócio-histórica que moldam a memória discursiva e o interdiscurso. Os métodos específicos da análise do discurso envolvem a descrição e a interpretação do discurso, analisando a relação entre estrutura e acontecimento, e os efeitos de metáfora, deslizamento e paráfrase que emergem no processo de significação. Esse processo discursivo permite múltiplas abordagens e exige uma não automatização da compreensão, um movimento de "desalienação" no sentido marxista, que desafia a naturalização dos sentidos.

5 CASOS

5.1 Memórias da plantação, Grada Kilomba

[...] Todo semestre, logo no primeiro dia do meu seminário, faço algumas perguntas à turma, para lhes oferecer uma noção de como o conhecimento e o poder racial se entrelaçam. Primeiro, nós contamos quantas pessoas há na sala. Então, começo fazendo perguntas muito simples: O que foi a Conferência de Berlim em 1884-85? Quantos países africanos foram colonizados pela Alemanha? Quantos anos durou a colonização alemã no continente africano? E concluo com perguntas mais específicas: Quem foi a Rainha Nzinga e que papel ela teve na luta contra a colonização europeia? Quem escreveu *Pele Negra, Máscaras Brancas*? Quem foi May Ayim? [...] Não surpreende que a maioria das/os estudantes *brancas/os* na sala é incapaz de responder às perguntas, enquanto estudantes *negras/os* respondem corretamente à maioria delas. De repente, aquelas/es que, em geral, não são vistas/os tornam-se visíveis, enquanto aquelas/es sempre vistas/os tornam-se invisíveis. Aquelas/es usualmente silenciosas/os começam a falar, enquanto aquelas/es que sempre falam tornam-se silenciosas/os. Silenciosas/os não porque não conseguem articular suas vozes ou línguas, mas sim porque não possuem *aquele* conhecimento. Quem sabe o quê? Quem não sabe? E por quê? [...] Esse exercício nos permite visualizar e compreender como conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial. [...] Fazer essas perguntas é importante porque o centro ao qual me refiro aqui, isto é, o centro acadêmico, não é um local neutro. Ele é um espaço *branco* onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas *negras*. [...] Como acadêmica, por exemplo, é comum dizerem que meu trabalho acerca do racismo cotidiano é muito interessante, porém não muito científico. Tal observação ilustra a ordem colonial na qual intelectuais *negras/os* residem: "Você tem uma perspectiva demasiado

subjetiva”; “muito pessoal”; “muito emocional”; “muito específica”; “Esse são fatos objetivos?” Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia as nossas vozes assim que falamos. Eles permitem que o *sujeito branco* posicione nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro, como a norma. Quando eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico. (Kilomba, 2019, p. 49-52, grifos da autora).

5.2 Não vão nos matar agora, Jota Mombaça

[...] Eu me lembro de trabalhar como se estivesse correndo. Eu sempre tive a impressão de que morreria de repente, acometida de uma forma qualquer de explosão interna ou arbitrariamente inscrita nas terríveis estatísticas de pessoas dissidentes sexuais e desobedientes de gênero racializadas que são alvejadas por bala ou esfaqueadas por nada no Brasil, assim como em várias outras partes do mundo. Eu me lembro de trabalhar como se estivesse correndo. Correndo rumo a uma ilusão de conforto e estabilidade, a tentar salvar-me de coisas das quais não posso ser salva. E eu também lembro de trabalhar como se eu pudesse alcançar a velocidade necessária para cruzar pontes ainda não erguidas; como se, correndo, eu pudesse existir entre mundos assimétricos. [...]. O trabalho dentro do qual eu estava correndo, afinal, não é o tipo de trabalho que meu corpo é encorajado a fazer. O mundo da arte não é uma geografia na qual eu sou autorizada a simplesmente acessar, ainda que eu passe por lá, às vezes, correndo. Escrever, ler, traduzir, performar, criar, falar, pensar em voz alta contra a constante expectativa de falha e erro, contra toda a lógica social que institui a brancura e a cisgeneridade, bem como sua presunção de subjetividade autoestabelecida, como a mais confiável garantia de acesso aos mundos da arte e da intelectualidade. [...]. Eu quero falar quanto aos custos de tal jornada, uma vez que, no diagrama de dispositivos racializantes que representam meu corpo como sendo marcado por uma ferida, eu não existo em uma forma capaz de fazer essa jornada sem custos. [...]. Para isso, seria necessário redescrever a cisgeneridade e a branquitude como formas de extorsão ontológica e repensar a integridade do sistema de arte contemporânea como um dispositivo irreparável voltado ao consumismo branco e cisgênero, e à exploração do outro (Mombaça, 2021, p. 49-51).

5.3 E se eu fosse puta, Amara Moira

[...]. Várias, várias posições, todas doendo horrivelmente, mas talvez laceada já das investidas do anterior, ele uma hora entra. E quando entrou, aí sim, aí, passou a meter com gosto, eu simplesmente deixando, toma meu corpo, vai, faz o que quiser, querendo provar pra mim mesma que eu dava conta [...]. [...]. Uma hora ele percebe o martírio e para com a penetração, tirando a camisinha pra que eu voltasse a me dedicar àquilo em que sou melhor, chupar, engolir. Ideia mágica, fiquei até eriçada outra vez (agora também, reescrevendo a história, olha o vício!), e entre boquete e punheta acabou se esporrando em meu rosto, eu brincando de lambiscar o leite com a pontinha da língua – ai, Jesus! Começamos a nos vestir, ele todo carinhoso ainda, eu

ainda anestesiada, bem sem jeito buscando a oportunidade de cobrar, quando ele então me oferece por livre e espontânea vontade a nota de cinquenta [...]. [...]. Dar prazer foi meu destino amargo, dar mas também receber. E se sentir prazer naquilo com que se trabalha for critério pra escolher profissão, a minha já estava escolhida. E se eu fosse puta? Bom, agora eu era (Moira, 2023, p. 21).

6 RESULTADOS

A Análise do Discurso de vertente francesa (ADF), baseada em Pêcheux, examina a relação entre sujeito, linguagem e ideologia, entendendo a ideologia como constitutiva dos sentidos e do sujeito, não como ocultação (Entrevista [...], 2019). A ADF foca nos processos de significação, considerando que não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. Nesse sentido, o sujeito capitalista é juridicamente livre e responsável, mas condicionado pela ideologia.

As obras selecionadas expressam as vivências de mulheres racializadas, transgêneros e trabalhadoras sexuais, permitindo analisar essa relação sujeito-linguagem-ideologia. Observa-se nelas tanto a desestruturação causada pela subalternização quanto a reorganização via feminismo negro e queer. Essas autoras rompem com a ordem do discurso dominante (Foucault) e criam novas formas de conhecimento decolonial, ressignificando suas experiências e escrevendo a história sob uma nova perspectiva.

Courtine (2016) sugere que o discurso reflete contradições ideológicas, algo evidente nas obras dessas autoras, cujos corpos marginalizados carregam essas contradições. Seus textos, ao misturarem o ideológico e o linguístico, são exemplos concretos de uma reflexão teórica enraizada em suas experiências. Ao ocupar espaços historicamente negados, como a escrita e o pensamento crítico, elas subvertem a lógica hegemônica e propõem novas formas de compreensão da realidade.

As autoras, como "testemunhas modestas" (Haraway, 1988), compartilham suas vivências como produção de conhecimento situado, contrastando com a neutralidade positivista. Seus escritos, portanto, constituem um arquivo de si, essencial para um saber decolonial que explora gênero, raça e classe.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jogos de poder da linguagem estão presentes nos testemunhos das três autoras, estruturando suas vidas e identidades. Elas enfrentam negações na memória coletiva oficial, com suas existências atravessadas por questões de gênero, raça, estigma e violência. Seus temas e diálogos não são meros recursos de estilo, mas fundamentais para quem elas são.

A noção de "alheamento", descrita por Foucault, aparece em suas obras, refletindo suas identidades artísticas: Moira na travestilidade, Kilomba nas experimentações artísticas e Mombaça nas performances. A arte é parte de suas existências e processos de construção pessoal.

Para "dizer a verdade sobre si", elas nomeiam o inaudito, criam símbolos e significados, reafirmando sua existência marcada pela resistência. Mais do que suas obras, elas são fontes vivas, guardiãs da memória que desafiam o conhecimento oficial. Suas obras trazem testemunhos que deslocam o conhecimento das margens para o centro, expondo fissuras e questionando as fronteiras entre razão e emoção, "eu" e "outro".

REFERÊNCIAS

ANTONELLI, Marcelo. Comentários bibliográficos: Michel Foucault, La gran extranjera. Para pensar la literatura. Traducción de Horacio Pons. Buenos Aires: Siglo XXI, 2015. **Boletín de Estética**, Buenos Aires, v. 12, n. 34, p. 75-80, 2016.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivos do corpo, arquivo da biopolítica. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, Florianópolis, v. 3, n. 6, p. 192–211, 2012. DOI: 10.5007/cbsm.v3i6.68506. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68506>. Acesso em: 13 set. 2024.

BASTOS, Roberto Kennedy de Lemos. A escrita como cuidado de si na obra tardia de Michel Foucault. **Revista Sísifo**, Feira de Santana, v. 1, n. 5. 2017. Disponível em: <http://www.revistasisifo.com/2017/05/a-escrita-como-cuidado-de-si-na-obra.html>. Acesso em: 19 jun. 2024.

COELHO, Frederico. Um arquivo do arquivo ou como guardar as cinzas? *In*: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (org.). **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2013. p. 263-278.

COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. [Tradução, Flavia Clemente de Souza e Márcio Lázaro Almeida da

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Silva]. **Policromias**, ano I, p. 14-35, 2016. Disponível em: <http://www.labedis.mn.ufrj.br/images/POLICROMIAS/PDF/Jean-Jacques-Courtine-port.pdf>. Acesso em: 14 set 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 1. sem. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2024.

CRIPPA, Giulia. Entre coleções e monumentos coloniais: uma abordagem a partir do conceito de “patrimônio dissonante”. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 57-76, 2021. DOI: 10.18617/liinc.v17i2.5776. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5776>. Acesso em: 13 set. 2024.

ENTREVISTA: Eni Orlandi. [S. l.: s. n.], 1 set. 2019. 1 vídeo (81 min). Publicado pelo canal ABRALIN. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BdWBAZPEKoY>. Acesso em: 12 set. 2024.

FERREIRA, Lucia; ORRICO, Evelyn. **Linguagem, identidade e memória social**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Dizer a verdade sobre si**. Organização, introdução e aparato crítico, Henri-Paul Fuchaud e Daniele Lorenzini. Tradução: Salma Tannus Muchail. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2022. Conferência proferida em 1982, na Universidade de Victoria, Toronto.

FOUCAULT, Michel. **La gran extranjera**: para pensar la literatura. edición original establecida y presentada por philippe artières, jean-françois bert, mathieu potte-bonneville y judith revel. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2015. Conferências proferidas por Michel Foucault entre 1963 e 1971

GONDAR, Jô *et al.* (org.). **O que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

HARAWAY, Donna. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective, **Feminist Studies**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 575-599, Autumn, 1988.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Jess Oliveira trad. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MCKEMMISH, Sue. Provas de mim... Novas considerações. *In*: TRAVANCAS, Isabel.

ROUCHOU, Joëlle. HEYMANN, Luciana (org.). **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2013. p.17-44.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: N-1 edições, 2023.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SELLIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2022.

SILVA, Antônio Bruno Ferreira da. O arquivo por Derrida: instituição da autoridade. **Das Questões**, Brasília, v. 17, n. 1, p. 260-277, nov. 2023.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

TRAVANCAS, Isabel. ROUCHOU, Joëlle. HEYMANN, Luciana (org.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2013.

VIEIRA, Henrique Júlio. “Arquivar a própria vida” 25 anos depois: diálogos com Philippe Artières. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 79, p. 68-91, 2023. DOI: <http://doi.org/10.1590/S2178-149420230205>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/C9tsR8Jx84LHkS7LKDDnrPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2024.